

Identidade, cultura e práticas ambientais entre descendentes de pomeranos no oeste do Paraná

Identity, culture and environmental practices among descendants of Pomeranians in western Paraná

Identidad, cultura y prácticas ambientales entre descendientes de pomeraninas en el oeste de Paraná

Recebido: 27/04/2022 | Revisado: 05/05/2022 | Aceito: 14/05/2022 | Publicado: 20/05/2022

Ethol Exime

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6962-8088>
Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Brasil
E-mail: eeetholl@hotmail.com

Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3291-4221>
Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Brasil
E-mail: taiane_nep@hotmail.com

Ronie Peterson Silvestre

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2567-0364>
Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Brasil
Universidade Federal de Rondônia, Brasil
E-mail: ronie@unir.br

Erica Rodrigues

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2024-1058>
Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Brasil
E-mail: eriicar@hotmail.com

Elisete Lovani Schneider

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3577-137X>
Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Brasil
E-mail: elisetelovani@gmail.com

Carli Freitag

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5403-6082>
Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Brasil
E-mail: carli@fsnet.com.br

Alberto Feiden

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8951-825X>
Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Brasil
E-mail: afeiden@yahoo.com.br

Nilse Dockhorn Hitz

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0752-474X>
Secretaria Estadual de Educação do Paraná, Brasil
E-mail: nilsehitz@gmail.com

Gabrielle Ücker Thum

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7886-1519>
Universidade Federal do Rio Grande, Brasil
E-mail: gabriellethum@yahoo.com.br

Carmo Thum

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4099-4559>
Universidade Federal do Rio Grande, Brasil
E-mail: carthum2004@yahoo.com.br

Resumo

A natureza desse artigo é qualitativa. O objetivo foi discutir de forma exploratória as características identitárias e as práticas ambientais dos pomeranos do município de Marechal Cândido Rondon-PR. A metodologia consiste no uso de Matriz Lógica e na análise qualitativa de dados, com o auxílio da ferramenta MAXQDA. Foi aplicado individualmente um questionário composto por vinte questões abertas e fechadas, para nove pomeranos que residem no município em questão. Os resultados revelaram ocorrências similares especialmente em relação à competência linguística, a maioria dos entrevistados falavam o Pomerano, Português e Alemão (Hunsrück). Ademais, percebe-se que em relação à agricultura, os entrevistados demonstram alto grau de conhecimento, numa lógica socioeconômica de subsistência e alcance de propósitos de vida. A luta pela sua cultura identitária se mantém viva, a partir dos ritos culturais, relações comunitárias,

geracionais e religiosas. De acordo com amostra de entrevistados, contou-se que os pomeranos rondonenses possuem uma forma específica de viver e agir ambientalmente, contudo tendem a sofrer influências do pacote tecnológico agrícola.

Palavras-chave: Povo pomerano; Agricultura familiar; Marechal Cândido Rondon; Imigração; Povos e comunidades tradicionais.

Abstract

The nature of this article is qualitative. The objective was to discuss in an exploratory way the identity characteristics and the environmental practices of the Pomeranians in the municipality of Marechal Cândido Rondon-PR. The methodology consists of the use of Logical Matrix and qualitative data analysis, with the help of the MAXQDA tool. A questionnaire composed of twenty open and closed questions was individually applied to nine Pomeranians who live in the municipality in question. The results revealed similar occurrences especially in relation to language competence, where the majority of the interviewees spoke Pomeranian, Portuguese and German (Hunsrück). Furthermore, it is noticeable that in relation to agriculture, the interviewees demonstrate a high degree of knowledge, in a socioeconomic logic of subsistence and achievement of life purposes. The struggle for their identity culture is kept alive, based on cultural rites, community, generational, and religious relations. According to the sample of interviewees, it was found that the Pomeranians of Rondon have a specific way of living and acting environmentally, however, they tend to suffer influences of the agricultural technological package.

Keywords: Pomeranian people; Family agriculture; Marechal Cândido Rondon; Immigration; Traditional peoples and communities.

Resumen

La naturaleza de este artículo es cualitativa. El objetivo fue discutir de forma exploratoria las características de identidad y las prácticas ambientales de los pomeranos en el municipio de Marechal Cândido Rondon-PR. La metodología consiste en el uso de la Matriz Lógica y en el análisis cualitativo de los datos, con la ayuda de la herramienta MAXQDA. Se aplicó individualmente un cuestionario compuesto por veinte preguntas abiertas y cerradas a nueve pomeranos residentes en el municipio en cuestión. Los resultados revelaron hechos similares especialmente en relación con la competencia lingüística, ya que la mayoría de los entrevistados hablaban pomerania, portugués y alemán (Hunsrück). Además, se observa que en relación con la agricultura, los entrevistados demuestran un alto grado de conocimiento, en una lógica socioeconómica de subsistencia y consecución de propósitos de vida. La lucha por su cultura identitaria se mantiene viva, basada en ritos culturales, relaciones comunitarias, generacionales y religiosas. De acuerdo con la muestra de entrevistados, se encontró que los pomeranos de Rondón tienen una forma específica de vivir y actuar ambientalmente, sin embargo, tienden a sufrir influencias del paquete tecnológico agrícola.

Palabras clave: Pomerania; La agricultura familiar; Marechal Cândido Rondon; Inmigración; Pueblos y comunidades tradicionales.

1. Introdução

A história brasileira está pautada na ocupação do território por diferentes povos e culturas, fato observável desde a colonização portuguesa, a partir da apropriação da terra. Essa lógica de ocupação do território sobreviveu do tráfico de escravos africanos por três séculos, seguida da imigração europeia voltada para a colonização agrícola, a partir do século XIX até os dias atuais, onde os novos imigrantes são em sua maioria latino-americanos (Patarra & Fernandes, 2011).

Desse modo, cabe destacar a forte atração migratória para o Brasil e a etnicidade produzida pela fusão e co-habitação de culturas múltiplas. Hitz (2017, p. 18) aponta que “[...] o povo brasileiro foi formado por três troncos étnicos: o indígena (o habitante natural); o português (o colonizador); e o negro (submetido à escravidão até 1888)”. Com a vinda da família real em 1808 e os primeiros passos em direção à abolição da escravatura, iniciou-se a imigração europeia. Cabe ressaltar que essa visão é um olhar generalizante para os diversos grupos étnicos e que atualmente, no Brasil, verificamos a existência de uma grande diversidade de modos de vidas.

No período histórico do Segundo Império, iniciativas de alteração da condição de economia escravagista foram colocadas em prática. Essa iniciativa era entendida como pressuposto da superioridade branca nas relações sociais. Para outros, era compreendida como mudança na forma de condução da política de espoliação do trabalho. Entretanto, ao certo, sabe-se que a vinda

de imigrantes europeus foi uma estratégia necessária para superar o enfraquecimento do tráfico escravista, haja visto ser esse um processo muito questionado na época, tanto que diversas leis foram instituídas a fim de cessar esse trágico processo. A imigração branca assentou-se sob o objetivo de substituir a mão de obra escrava nas grandes fazendas, minas e indústrias. Sendo assim, diferentes contingentes culturais vinham ao país com grandes débitos oriundos de seu traslado, além do compromisso de trabalhar para saldar essas dívidas e então conquistar melhores condições de vida (Seyferth, 2011).

Os imigrantes foram destinados a regiões de precárias infraestruturas ainda não colonizadas, com dificuldades de acesso. Diante disso, lhes era colocado como obrigação abrir estradas, desmatar as terras e assim desenvolver a pecuária e a agricultura, para produzir alimentos que viessem abastecer o país (Fernandes et al., 2013). Nesse processo, destacaram-se numericamente, os italianos, alemães e o povo pomerano.

O Povo Pomerano não se constituiu em um Estado-Nação. Contudo, possui direitos territoriais-culturais desde a Costa do Báltico. Na atualidade, possui direitos políticos assegurados na Comunidade europeia, por pertencerem às minorias étnicas da Europa (Thum, 2009; Hitz, 2017). O mapa da Pomerânia sofreu diversas mudanças ao longo da história sendo a última efetivada como resultado da II Guerra Mundial, momento em que o território pomerano da Costa do Báltico foi fragmentado entre a Alemanha e a Polônia. Para estudos do Povo Pomerano do Brasil, cabe considerar que esses chegaram a período anterior a II Guerra e posterior a 1850. Uma significativa parcela de diferentes grupos culturais europeus imigraram para o Brasil também nesse período. O Povo Pomerano trouxe consigo as suas tradições, costumes, raízes culturais, incluindo a língua pomerana¹. Elementos que podem ser observados nos territórios brasileiros onde habitam os pomeranos (Thum, 2009; Hitz, 2017).

Os diferentes segmentos de Povos e Comunidades Tradicionais lutam pela afirmação e reconhecimento de sua cultura, frutos do processo de aprendizagem, criações e da produção de conhecimentos tradicionais, transmitidos de geração para geração (Sparemberger & Colaço, 2011). O povo pomerano é um exemplo de comunidade tradicional que permanece viva no Brasil e habita diferentes territórios no Brasil, onde permanecem unidos por suas raízes, identidade e cultura (Hitz, 2017). Assim, a trajetória dos povos e comunidades é marcada por muito trabalho, compreensão da lógica da natureza, costumes, línguas e tradições. Dentro desse cenário multifacetado, o objetivo deste artigo foi discutir de forma exploratória as características identitárias e as práticas ambientais dos pomeranos do município de Marechal Cândido Rondon-PR.

2. Referencial teórico

2.1 Alguns elementos do contexto histórico dos Pomeranos

A imigração dos pomeranos para o Brasil é marcada por conflitos territoriais. Assim, antes de entender sua trajetória é importante compreender os aspectos dessa antiga região, o território Pomerano da Costa do Báltico. A Pomerânia é um território historicamente em disputa, que estava situada ao longo do mar Báltico, ao norte da Europa. No ano de 1858, quando os pomeranos desembarcaram em São Lourenço do Sul-RS e no ano de 1959 no Espírito Santo ela era uma província da Prússia, conforme indicado por Thum (2009) e Rölke (2016).

O território da antiga Pomerânia foi foco de diversos embates para o exercício do domínio econômico e religioso. Em função de sua localização geográfica com saída para o mar, que proporcionava contato com portos importantes, se constituía objeto de cobiça. Além disso, apresentava características específicas. Na parte ocidental, comportava terras férteis e condições climáticas propícias para o desenvolvimento de atividades relacionadas à agricultura, principalmente ao cultivo de trigo, cevada e formação

¹ Ver mais em: Tressmann, I (2006). Dicionário Enciclopédico: Pomerano e Português. Santa Maria de Jetibá: SEDU-ES.

de pastagens. Por outro lado, na parte oriental havia predominância de solo arenoso, invernos e geadas rigorosas, causando impasses ao cultivo de diversas culturas (Rölke, 1996; Manske, 2015).

Neste contexto, no início do século XIX, a Prússia era caracterizada como majoritariamente rural. Contudo, diante da revolução agrícola na época, alavancou-se o seu processo de industrialização. Tais alterações estruturais, passaram a ser refletidas em aspectos econômicos, sociais e políticos, que colocaram os pomeranos em um limbo de miséria e falta de oportunidades (Assis & Assis, 2018). Assim, a Pomerânia vivenciou diferentes diásporas. Impulsionados por estes aspectos e pelos conflitos territoriais, principalmente a partir da segunda metade do século XIX, os estados do Rio Grande do Sul e do Espírito Santo receberam inúmeros imigrantes da região da Pomerânia. Além de buscarem novas condições de vida, eles pretendiam ocupar as terras e ter um lugar para viver (Rölke, 2016).

As terras que pertenciam à Pomerânia foram distribuídas em duas novas parcelas, a oriental tornou-se posse da Polônia e a Pomerânia ocidental integrada à Alemanha. Então, os pomeranos que não haviam migrado para outros países, foram literalmente expulsos, após o final da Segunda Guerra Mundial. Nesta etapa de expulsão, cerca de 498 mil pomeranos morreram, outros só conseguiram levar consigo as roupas do corpo. Diante desta situação, a Pomerânia foi extinta do mapa da Europa (Rölke, 2016).

Os pomeranos foram obrigados novamente a traçar novas rotas no seu permanente nomadismo, conforme Thum (2014, p. 11): “A luta pela terra e a permanência nela sempre foi conflitiva. No caso dos pomeranos essa condição se aflora, provocando um novo nomadismo contemporâneo”. Por isso encontramos territórios e comunidades pomeranas espalhadas por diferentes lugares, entre eles: África do Sul, América Central, Austrália, Brasil, Canadá, Chile e os Estados Unidos (Rölke, 1996; Thum, 2009; Seibel, 2016).

2.2 Pomeranos do Brasil

O processo de vivência dos pomeranos no Brasil consiste em uma história de força, luta e fé dessas pessoas. Aprender a viver em um novo espaço geográfico, em um território com uma nova dinâmica de vida foi desafiador. A experiência nômade vivenciada ao longo dos tempos conseguiu garantir a continuidade desse povo, atualmente reconhecido como Povo Tradicional pelo Brasil através do Decreto 6040/2007 (Brasil, 2007). Embora a Pomerânia não represente atualmente uma unidade geográfica, o referido grupo populacional, sustenta suas características identitárias (Granzow, 2009; Jacob, 2012) e tem a Pomerânia histórica na sua memória (Thum, 2014).

A migração deu-se, sobretudo, em decorrência da crise de pobreza na região da Pomerânia, no século XIX e, por acreditarem na possibilidade de se reestabelecer em outras terras (Weiduschadt & Castro, 2015). A história dos pomeranos no Brasil acontece em duas principais fases. A primeira onda de imigração de pomeranos para o país, aconteceu na década de 1850, com a chegada das primeiras famílias no Estado do Rio Grande do Sul e do Espírito Santo, que posteriormente se assentaram em diferentes regiões do Brasil. A partir de 1863 e mais intensamente em 1870 as levas de pomeranos deram entrada nos territórios do Pampa e terras Capixabas (Thum, 2009; Rölke, 2016).

Em relação aos pomeranos que chegaram ao estado do Espírito Santo, a viagem durou cerca de três meses, em um navio à vela. Exatamente em 28 de junho de 1859 os primeiros pomeranos desembarcam em solo brasileiro, chegando ao Porto de Vitória. Já, na década de 1870, novos imigrantes pomeranos chegaram ao estado. Ao longo do século XIX, mais de 2.300 pomeranos desbravaram e se instalaram em terras capixabas (Granzow, 2009).

Os estados do Espírito Santo, Rio Grande do Sul e Santa Catarina foram os que mais receberam imigrantes. As comunidades do povo pomerano organizaram-se em torno das atividades da agricultura familiar. Em momentos posteriores houve imigração interna, pois famílias inteiras, tanto do Espírito Santo quanto do Rio Grande do Sul migraram para outras regiões dos

estados e do país², cultivando sua cultura e recebendo influências; sobretudo, estabelecendo-se em busca de novas terras agricultáveis, nos diferentes estados, a citar: Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, Rondônia, Minas Gerais e Pará. (Granzow, 2009; Thum, 2009; Heinemann, 2016; Hitz, 2017).

Não bastasse o processo histórico de nomadismo e as constantes redefinições territoriais na antiga pomerânia do *'pomorje'*, também aqui no Brasil os pomeranos foram lançados a um novo contexto sociocultural (Assis & Assis, 2018), onde as vivências se modificaram. Contudo, a resistência cultural foi exercitada no seu limite, em defesa de sua própria identidade, suas subjetividades, já que os pomeranos sempre se colocaram como um grupo diferenciado. Porém, a história generalizante pouco deu importância para isso. Tanto Thum (2009) quanto Hitz (2017), afirmam que os pomeranos chegaram ao Brasil na condição de imigrantes prussianos e passaram por um processo de germanização. Portanto, por um bom tempo foram subsumidos pela cultura germânica hegemônica e caracterizados por muitos historiadores, equivocadamente como alemães.

Mesmo diante de opressões e silenciamentos culturais vivenciados, ainda hoje os pomeranos lutam com simplicidade e persistência, em defesa da manutenção e emancipação de sua cultura tradicional camponesa, fundamental para o fortalecimento identitário desse povo. O contexto atual externaliza para o povo pomerano um processo de reconhecimento da sua própria história e de ressignificação de seus marcadores de identidade (Mazurana; Dias & Laureano, 2016), que asseguram o sentimento de pertença como povo tradicional.

2.3 O Povo Pomerano: identidade, terra e cultura

O povo pomerano possui modos específicos de viver e produzir. Vale destacar, que seus modos de vida foram ressignificados segundo as diferentes condições que encontraram no Brasil. Contudo, os elementos centrais de suas tradições permaneceram cravados em sua identidade, até os dias atuais (Schmidt, 2015).

Há muitas particularidades e tradições inerentes ao povo pomerano, manifestações marcantes de sua carga identitária. Dentre as principais, destacam-se o “[...] espírito de comunidade, dedicação ao trabalho e expressões simbólicas, como o dialeto, os costumes socioculturais, o artesanato, a música, a dança e a culinária, marcam um jeito de ser ímpar entre nós” (Granzow, 2009, p. 11). Justamente neste sentido, pelo fato de os pomeranos estarem em luta pela sua retomada cultural, o entendimento de que sua fala é uma língua reflete o movimento atual de respeito e valorização de diversidade cultural. A partilha da língua, no interior dos grupos familiares, passada de geração a geração, tende ao princípio de sua preservação (Hitz, 2017).

Além de estarem fortemente ligados à religião protestante luterana³, outros aspectos também estão presentes, pois preservam sua cultura e evidenciam seu modo particular de viver, entre esses aspectos: arquitetura típica (Treichel *et al.*, 2017) vestimentas, o trabalho familiar, cerimônias de casamento, batizado, eventos fúnebres, natal, Páscoa, Ano Novo e a Festa da Colheita. Esta última é celebrada todos os anos. Na atualidade, nas comunidades pomeranas, há sempre um culto de agradecimento pela colheita e trabalhos desenvolvidos durante o ano (Schmidt, 2015; Buss, 2018).

Como se percebe, a relação dos pomeranos com os seus pares, à terra e a natureza refletem um processo social, de envolvimento e formação de vínculos afetivos. A maioria das famílias pomeranas são camponesas, pois desde a Pomerânia trabalhavam para os senhores feudais latifundiários. No Brasil, também se dedicaram a desenvolver a agricultura e o cultivo de alimentos (Schmidt, 2015).

² Ou seja, no RS e no ES (possivelmente no Brasil todo), os camponeses estão sempre ligados a produção primária e com uma renda de subsistência.

³ Historicamente o Povo Pomerano vivencia um processo de relação de religiosidade e de sagrado vinculado aos elementos da natureza.

Neste sentido, este grupo culturalmente díspar, ainda apresenta modos específico e éticos, de cuidar e se vincular com a terra. O povo pomerano é salvaguarda de saberes e técnicas peculiares, importantes para a segurança alimentar e nutricional, como as práticas agroecológicas. Entretanto, tais estratégias vêm sendo constantemente ameaçadas pela mecanização agrícola e pelo agronegócio (Mazurana et al., 2016; Foerste & Foerste, 2017). Essas influências estão em algum grau interferindo sobre a permanência da identidade cultura pomerana na agricultura.

2.4 O reconhecimento dos Pomeranos como povo tradicional

Durante muito tempo e, de certo modo, ainda hoje, as Unidades de Conservação foram concebidas para serem livres da ação humana, pura e intocada. Prevalencia a ideia de que o homem seria sempre inimigo dos ecossistemas, portanto, esses locais sagrados deveriam ser em suma, uma terra selvagem. Contudo, verificou-se ao longo dos anos que seria altamente custoso para os países cuidar das florestas, visto que as terras selvagens se tornaram alvos fáceis de invasões e degradações (Diegues *et al.*, 1999).

Nesse sentido, diversos pesquisadores alertam de que o conhecimento ancestral e o modo de vida dos povos tradicionais sempre contribuíram para a conservação dos ecossistemas, da biodiversidade e que os verdadeiros aliados das florestas estavam sendo expulsos de seus territórios (Little, 2004). Em 1989 a Convenção n° 169 da OIT reconhece os Povos Indígenas e Tribais e criam um marco importante para os povos tradicionais e seus territórios.

Artigo 1° A presente convenção aplica-se: a) aos povos tribais em países independentes, cujas condições sociais, culturais e econômicas os distingam de outros setores da coletividade nacional, e que estejam regidos, total ou parcialmente, por seus próprios costumes ou tradições ou por legislação especial (Oit, 1989).

Denomina-se cosmografia essa ligação dos povos tradicionais com o território. “A cosmografia de um grupo inclui seu regime de propriedade, os vínculos afetivos que mantém com seu território específico, a história da sua ocupação guardada na memória coletiva, o uso social que dá ao território e as formas de defesa dele” (Little, 2004, p. 254). No Quadro 1, verificam-se as peculiaridades que identificam os povos tradicionais.

Quadro 1. Características dos Povos Tradicionais.

- a) pela dependência frequentemente, por uma relação de simbiose entre a natureza, os ciclos naturais e os recursos naturais renováveis com os quais se constrói um modo de vida;
- b) pelo conhecimento aprofundado da natureza e de seus ciclos que se reflete na elaboração de estratégias de uso e de manejo dos recursos naturais. Esse conhecimento é transferido por oralidade de geração em geração;
- c) pela noção de território ou espaço onde o grupo social se reproduz econômica e socialmente;
- d) pela moradia e ocupação desse território por várias gerações, ainda que alguns membros individuais possam ter se deslocado para os centros urbanos e voltado para a terra de seus antepassados;
- e) pela importância das atividades de subsistência, ainda que a produção de mercadorias possa estar mais ou menos desenvolvida, o que implica uma relação com o mercado;
- f) pela reduzida acumulação de capital;
- g) importância dada à unidade familiar, doméstica ou comunal e às relações de parentesco ou compadrio para o exercício das atividades econômicas, sociais e culturais;
- h) pela importância das simbologias, mitos e rituais associados à caça, à pesca e a atividades extrativistas;
- i) pela tecnologia utilizada que é relativamente simples, de impacto limitado sobre o meio ambiente. Há uma reduzida divisão técnica e social do trabalho, sobressaindo o artesanal, cujo produtor (e sua família) domina o processo de trabalho até o produto;
- j) pelo fraco poder político, que em geral reside com os grupos de poder dos centros urbanos;
- l) pela autoidentificação ou identificação pelos outros de se pertencer a uma cultura distinta das outras.

Fonte: Adaptado de Diegues *et al.* (1999, p. 21-22).

Estudos sobre a relação das sociedades tradicionais com o ambiente natural, bem como a afirmação de suas peculiaridades, foram precursores para a criação dos marcos legais dos povos tradicionais também no Brasil. Os Pomeranos, assim como outros grupos sociais, puderam se autoafirmar como povos que mantinham essas características e que, portanto, deveriam ser reconhecidos como sujeitos de direito sobre esses territórios (Santos & Azevedo, 2017).

Os Pomeranos tiveram um papel significativo para o reconhecimento dos povos tradicionais no Brasil. A mola propulsora desse debate se deu quando, por decreto, foi criado o Parque Nacional dos Pontões Capixabas. Em 2002, o Governo Federal criou nos municípios de Pancas e Águia Branca no Estado do Espírito Santo o Parque Nacional dos Pontões Capixabas sem que a comunidade fosse consultada (Dettmann⁴, 2016; Spamer, 2018; Foerste *et al.*, 2016). Essa área, que abriga uma beleza cênica extraordinária e uma biodiversidade conservada pelo uso, estava sendo habitada de maneira sustentável pelos Pomeranos desde 1920 (Retz, 2006) e que, pela legislação ambiental, deveriam ser desapropriados (Santos & Azevedo, 2017).

Além de ameaçados, eles se sentiram injustiçados, visto que a permanência deles no território sempre foi de equilíbrio com os recursos naturais, diferentemente de outros grupos formados por latifundiários e empresas de mineração do entorno, poupados da desapropriação (Spamer & Silva, 2018). A observação de Nonumura (2005) sobre um dos residentes representava muito bem o respeito da população pomerana com a região dos Pontões Capixabas

Sagüis-de-cara-branca, bugios, macacos-prego, jaguatiricas, pacas e quatis são vistos com frequência nas terras dos Sturs. Estão ali porque há perobas, jequitibás, sapucaias, ipês preto e amarelo, angelins e sucupiras em abundância. Stur caminha descalço, bebe água deitado numa das rochas onde brotam nascentes, veste roupas simples e fala com os animais e plantas. Cuida da roça, do gado e do criatório de peixes, mas gosta mesmo é de ver como crescem as 1.500 árvores de replantio. O decreto prefere vê-lo fora dali (Nonumura, 2005, p. 18).

Em 2004 os pomeranos e representantes de outros povos tradicionais como os quilombolas, os ribeirinhos, as caiçaras, os ciganos, fundo e fecho de pasto, faxinalenses iniciaram os primeiros diálogos com o governo federal reivindicando os seus direitos aos territórios como povos tradicionais (Foerst *et al.*, 2016; Thum, 2017), como já previa a convenção 169 da OIT e que o Brasil é signatário. Em 2005 foi criada a Associação dos Moradores, Amigos e Proprietários dos Pontões de Pancas e Águia Branca de modo a representar os Pomeranos junto aos demais povos tradicionais e lutar contra a desapropriação.

“Por meio da Associação, emergiu-se um novo processo de organização comunitária do povo pomerano, intensificando o sentimento de pertencimento ao território e o fortalecimento identitário” (Spamer & Silva, 2018, p. 136). Em 2006, o Governo Federal instituiu a Comissão Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais - CNPCT. O povo Pomerano foi representado inicialmente por membros titulares: Patrícia Stuhr e Vanilda Haese Dettmann. Em 2011 surgiu o Movimento Articulação PomerBr, cujo pautava a luta identitária nacional. A partir desse movimento outros sujeitos políticos integraram a Comissão de Povos e Comunidades Tradicionais (2006-2016) e o Conselho de Povos e Comunidades Tradicionais (2016 até o presente).

Os processos normativos dessa condição datam de 2007 quando foi Instituída a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais por meio do Decreto nº 6.040 (Brasil, 2007). Nesse Decreto, que regulamenta a OIT169 no Brasil, os povos tradicionais são reconhecidos, segundo o Art. I, como

Grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição (Brasil, 2007).

⁴ Recomendamos a leitura sobre esse contexto do texto produzido por Vanilda Dettmann, representante titular dos Pomeranos na Comissão Nacional de Povos e Comunidades Tradicionais. Saber mais em: Dettmann, VH (2016). *Pomeranos, povo de cultura tradicional*. Alemanha: KoBra.

Após intensa luta por direitos territoriais e de permanência no território em questão, em 2008 foi alterado da modalidade de Parque Nacional para Monumento Natural dos Pontões Capixabas. Sendo essa a primeira Unidade de Conservação Federal de proteção integral com permissão legal de permanência de moradores em seu interior (Isa, 2008).

Contudo, a alteração não resolveu as questões sobre a autonomia do grupo sobre o território. Os Pomeranos precisam lidar com os problemas de gestão territorial, pautado pela gestão conjunta com outros atores sociais, sob diferentes interesses locais (Spamer & Silva, 2018). Do ponto de vista da luta identitária, o processo de autorreconhecimento ganhou forma e a luta pela emancipação cultural se colocou na pauta política nacional e internacional. Nesse sentido, Spamer e Silva (2018, p. 136), indicam que a partir do conflito sobre os Pontões Capixabas, além dos pomeranos alcançarem o reconhecimento de povo tradicional, “novas formas de organização estão sendo construídas no intuito de valorizar sua cultura e desenvolver-se com autonomia e protagonismo”. No centro do debate o direito a identidade, ao território e a emancipação cultural do povo pomerano do Brasil.

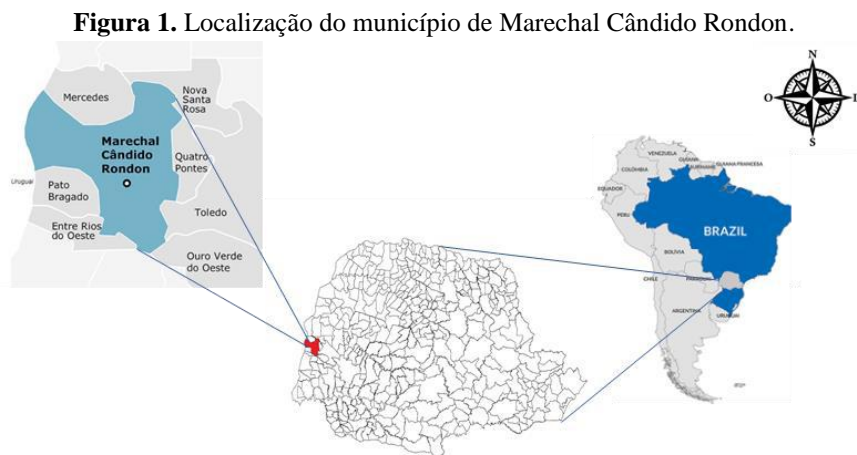
Quando da criação do atual Conselho⁵ Nacional dos Povos e Comunidades Tradicionais, no GT de Transição (2014-2016) os pomeranos com os geraizeiros, os indígenas, as caízaras, os faxinalenses, fundo e fecho de pasto, e outros 28 segmentos, foram sujeitos de ação significativa na produção do atual Decreto nº. 8.750, de 9 de maio de 2016 (Brasil, 2016). Esse esforço garantiu a existência de um espaço político-institucional no âmbito das políticas públicas federais (Thum, 2017).

3. Material e Métodos

Nesta seção apresentamos a caracterização da área estudada e os instrumentos metodológicos usados na pesquisa. Essa seção tem a função de ambientar o leitor sobre as condições que o estudo foi realizado.

3.1 Caracterização do território pesquisado

A presente pesquisa foi desenvolvida no município de Marechal Cândido Rondon, região Oeste do estado do Paraná, com as seguintes coordenadas: 24° 33' 24" de latitude sul e 54° 3' 24" longitude oeste, a uma distância de cerca de 580 km da capital do estado (Cidades Brasil, 2021). A Figura 1, apresentada o mapa de localização geográfica de Marechal Cândido Rondon.



Fonte: Adaptado de Iparides (2021); Suporte geográfico (2021); Investparaná (2021)

⁵ Atualmente são membros pomeranos desse conselho: Helmar Spamer; Gabrielle Ücker Thum e Josimar Schram, segundo a Portaria nº 2.619, de 26 de julho de 2021.

A cidade de Marechal Cândido Rondon possui uma área territorial de 745,243 km², com uma população de aproximadamente de 52.944 habitantes, conforme o censo demográfico de 2010, o município possuía 46.819 habitantes, onde 83,61% residiam em área urbana e 16,39% na rural (IBGE, 2010).

3.2 Abordagem metodológica e instrumentos

Participaram do estudo 9 indivíduos de ambos os sexos, membros da comunidade pomerana local, selecionados como informantes-chave, sendo: 3 de sexo feminino e 6 de sexo masculino, com idades entre 57 e 67 anos. Vale destacar que nessa amostra havia um casal pomerano, entrevistado separadamente para compor as análises. Foi considerado como critério de participação os sujeitos serem membros da comunidade pomerana e residirem no município de Marechal Cândido Rondon (MCR). Os participantes foram previamente orientados quando ao uso dos dados para fins científicos, mediante o preenchimento e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Esta pesquisa é de natureza qualitativa, "que apresenta certas características particulares, sobretudo, na elaboração das deduções específicas sobre um acontecimento" (Bardin, 1977, p. 151). A coleta de dados foi realizada durante os meses de julho e agosto de 2021, a partir de um questionário composto por 20 questões abertas e fechadas, com perguntas sobre a caracterização dos participantes, tradições e cultura pomerana ligada a agricultura. Com isso, formamos uma base de dados empíricos locais, de cunho exploratório, para ampliar as análises da questão pomerana, visto que sobre esse território do Oeste do Paraná há lacuna de dados.

Todos os participantes foram entrevistados individualmente. Para a organização dos dados empregou-se a metodologia de Matriz Lógica, adaptada de Verdejo (2003) e Brose (2010). E na análise qualitativa dos dados empregou-se a análise de conteúdo de Bardin (1977). As análises das respostas das entrevistas foram sistematizadas em três categorias: i) Perfil dos sujeitos; ii) Agricultura e elementos identitários da amostra de pomeranos; iii) Agricultura e práticas ambientais na perspectiva dos pomeranos, com ajuda da ferramenta MAXQDA⁶, um pacote de *software* líder mundial para pesquisa de métodos qualitativos e mistos (Maxqda, 2021). Cada participante foi denominado de sujeito, enumerados de 1 a 9. As falas dos sujeitos serão resumidas em quadros, gráficos, nuvem de palavras e tabelas que refletirá sobre as 3 categorias.

4. Resultados e Discussão

4.1 Perfil dos sujeitos

Ao traçar o perfil dos entrevistados, eles foram divididos nas seguintes categorias: gênero, profissão, escolaridade, idioma, cidade atual e origem da família, apresentados no Quadro 2:

⁶Link de acesso: <https://www.maxqda.com/what-is-maxqda#>

Quadro 2. O perfil dos sujeitos entrevistados na cidade de MCR.

Entrevistados	Gênero	Profissões	Escolaridades	Idiomas	Cidades atual	Origem da família*
Sujeito 1	F	Agricultora	4ª série Fundamental	Pomerano, alemão e português	MCR	Pelotas-RS
Sujeito 2	M	Pastor	Superior Completo	Português	MCR	Pomerânia** e Alemanha
Sujeito 3	M	Representante comercial	Ensino médio incompleto	Alemão, Pomerano e Português	MCR	MCR-PR
Sujeito 4	M	Agricultor	Ensino fundamental incompleto	Pomerano, alemão e português	MCR	Estado do RS
Sujeito 5	M	Agricultor	Ensino médio incompleto	Alemão, Pomerano e Português	MCR	Estado do RS
Sujeito 6	M	Agricultor	Ensino médio incompleto	Português, Pomerano e alemão	MCR	Pomerânia
Sujeito 7	F	Agricultora	Ensino fundamental incompleto. Até 4ª série	Pomerano, alemão e português	MCR	Estado do RS
Sujeito 8	M	Agricultor	Ensino médio completo	Português, Pomerano, e alemão básico	MCR	Pelotas RS
Sujeito 9	F	Aposentada, doméstica	Superior completo	Pomerana, Português e alemão	MCR	Alemanha/Pomerânia

* A origem da família se refere aos pais e avós dos entrevistados; **Em relação a “Pomerânia”, há forte indicativo que quando responderam dessa forma referiam-se ao território de memória histórica. Fonte: dados da pesquisa (2021).

Buscou-se selecionar os 9 cidadãos referência da cultura pomerana local (informantes-chave). Com base nisso, constatou-se que a maioria dos entrevistados de ambos os sexos são agricultores: 6 dos entrevistados exercem a atividade da agricultura, como sua única profissão, sendo 4 de gênero masculino e 2 de gênero feminino. Dos entrevistados, 3 trabalham em outras profissões, como: representante comercial, pastor e uma aposentada doméstica. Da amostra, 6 moram em espaço urbano e 3 no espaço rural. A partir desta informação, entende-se que a maioria da amostra pesquisada apesar de morar no espaço urbano têm a agricultura como atividade principal e se referem a ela como atividade importante de subsistência. Segundo enfatiza Little (2004), esses indicativos se relacionam com a possibilidade de suprir as necessidades de alimentação da família, através da agricultura.

Quando se trata dos níveis educacionais dos sujeitos pesquisados, apenas dois deles possuem Ensino Superior, sendo uma mulher e um homem. O restante está dividido entre Ensino Médio completo e incompleto (de 4 entrevistados, totalizando 4 homens) e Ensino Fundamental (de 3 entrevistados, 2 mulheres e 1 homem). No que se refere aos idiomas falados pelos pomeranos, a maioria dos entrevistados falava Português, Pomerano e Alemão (dos 8 entrevistados, sendo 3 mulheres e 5 homens), apenas um entrevistado fala só o português.

Percebe-se que conforme a amostra dos entrevistados a maioria deles falam 3 idiomas, uma competência linguística variada⁷. Desta forma, um dos motivos que ajudam os pomeranos a falarem ainda a língua nativa é a conexão com o seu passado e entorno, o esforço para manter a cultura linguística viva de geração por geração. De acordo com Hitz (2017), existe uma explicação para os pomeranos manterem o seu idioma presente, isso se relaciona aos movimentos pomeranos, com suas raízes fortemente ligadas à uma cultura de preservação, desde as práticas ambientais a costumes identitários.

⁷ Sugere-se que estudos futuros realizem uma análise mais detalhada sobre as competências linguísticas.

Quando se trata da origem dos entrevistados, em sua maioria eles são brasileiros, sendo 5 do estado de Rio Grande do Sul, 1 do estado Paraná; 2 dos entrevistados são de origem Pomerânia e Alemanha e apenas 1 de origem só ‘Pomerânia’⁸. Nesta perspectiva, compreende-se que a imigração dos pomeranos se deu há muito tempo, pelo fato que a maioria dos entrevistados tem sua origem no Brasil, já que se passaram diversas gerações até o momento desta pesquisa.

4.2 Agricultura e os elementos identitários dos pomeranos

Nesta seção, apresentamos alguns elementos fundamentais para ampliar as discussões deste trabalho. Considerando aspectos culturais ligados a identidade do povo pomerano e a discussão inicial sobre a agricultura, apresentaremos na Figura 2 uma nuvem de palavras com os temas mais citados nas entrevistas realizadas com os nove pomeranos.

Figura 2. Nuvem de palavras gerada a partir das entrevistas realizadas com os nove pomeranos de MCR



Fonte: Dados da pesquisa (2021).

Na repetição das palavras que compõem a nuvem (Figura 2), ficou claro a representação dos temas mais falados durante as entrevistas, como: agricultura, identitária, sim, pomerano(a), comunidade, língua, necessidade, escolaridade, família e trabalho. Essas palavras, construíram o alicerce para esta reflexão, sobre as memórias dos antepassados que souberem juntar forças para o crescimento econômico do seu povo, a partir de trabalho árduo e dificuldade de gerações por gerações.

Quando se trata da agricultura, a amostra pesquisada tende a demonstrar alto grau de conhecimento sobre as práticas de agricultura como um meio para alcançar seus propósitos de vida, no aspecto socioeconômico. A produção da amostra se caracteriza no âmbito da agricultura familiar. O povo tem o costume da diversificação na produção, como se confere a seguir:

Pomerano, a grande maioria agricultores aqui na nossa região, um ajudando o outro. Comida.... feijão, arroz, mandioca, batata-doce, charque, pudim, arroz-doce, sagu, a nossa Agricultura é bastante diversificada, normalmente a mulher cuida da casa e ajuda ainda no manejo dos animais. Ter sua própria carne, ovos, leite, linguiça, banha, frutas (sujeito 9).

Assim, podemos entender que não é apenas a posição do sujeito 9, mas, a maioria dos entrevistados compartilha as mesmas ideias, seguida pela fala do sujeito 2, os pomeranos normalmente: “Gostam de Brote (pão caseiro de milho), e são, geralmente, agricultores”. Esta realidade é discutida pelos autores que pesquisam o tema, como Schmidt (2015) e Thum (2014), na perspectiva de entender como os pomeranos são dedicados ao cultivo e ao processo de desenvolvimento ligado à agricultura nos

⁸ Há forte indicativo que quando responderam dessa forma referiam-se ao território de memória histórica.

territórios que habitam. Nesta mesma perspectiva analítica, o Quadro 3, apresenta características sobre as variáveis (códigos), das falas interligadas entre as entrevistas concedidas.

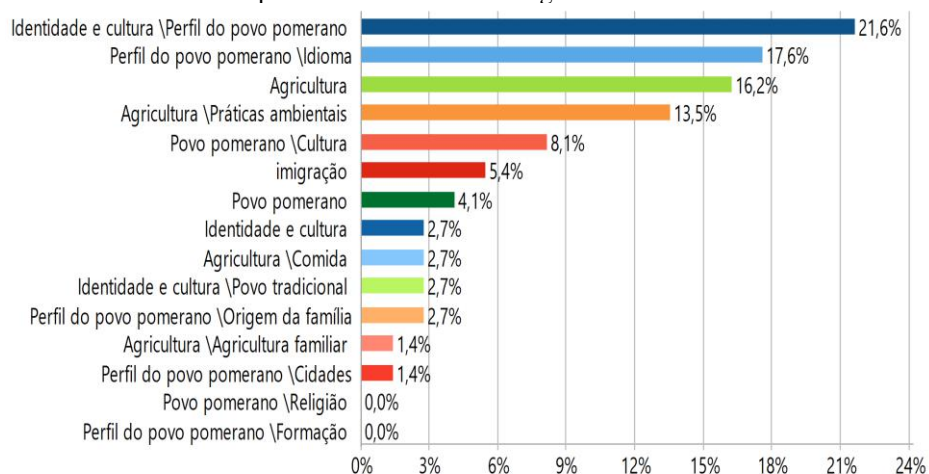
Quadro 3. Relações das variáveis de análises com as entrevistas.

Lista de Códigos	Entrevista 1	Entrevista 2	Entrevista 3	Entrevista 4	Entrevista 5	Entrevista 6	Entrevista 7	Entrevista 8	Entrevista 9	SOMA
Povo pomerano		1		1					1	3
Religião										0
Cultura	1		1				1	1	2	6
Identidade e cultura								1	1	2
Povo tradicional	1								1	2
Perfil do povo pomerano	1	2	1	2	2	1	2	2	3	16
Origem da família	1								1	2
Formação										0
Idioma	1	1	1	3	1	1	1	2	2	13
Cidades							1			1
Agricultura	3	2			2	2	1		2	12
Comida	1	1								2
Agricultura familiar	1									1
Práticas ambientais	1	1	1	1	2	1	1		2	10
imigração	2								2	4
SOMA	13	8	4	7	7	5	7	6	17	74

Fonte: Dados da pesquisa (2021).

No Quadro 3, estão presentes 74 ligações das variáveis (códigos) das entrevistas, obtidas ao pontuar o perfil da amostra com 16 repetições. Na sequência, verifica-se o idioma falado pelos pomeranos, no sentido geral, com 13 repetição, incluindo o perfil discutido anteriormente (Quadro 1). Desta forma, a repetição da palavra agricultura, configura-se em 12 vezes e as práticas ambientais em 10 vezes, pelas quais discutiremos adiante, depois da apresentação do Gráfico 1.

Gráfico 1. Representatividades dos códigos de análise nas entrevistas.



Fonte: Dados da pesquisa (2021).

Percebe-se que 21,6% das variáveis nas entrevistas, se configuram entre a cultura e os perfis dos pomeranos. Esta variável inclui também os idiomas falados nas comunidades pomeranas, na maioria o Pomerano, português e Alemão. Além disso, percebe-se a importância da inclusão das outras variáveis ou subcódigos, como: cidades, origem familiar, povo tradicional, cultura, entre outras, do ponto de vista estatístico. Na sequência 17,6% constituem-se um conjunto dividido entre as características do perfil

pomerano, que engloba a essência das tradições, costumes, cultura, enquanto que as produções e as práticas ambientais estão representadas por 16,2%.

No Gráfico 1, percebemos a presença de variáveis que possuem fortes características ligadas a identidade pomerana, sua cultura como ponto essencial para sua existência como povo. Neste contexto, temos a necessidade de manter discussões nas perspectivas identitárias, sublinhando especialmente a tradição deste povo e considerando o processo histórico, como disse Mazurana et al. (2016) na obra ‘Povos e Comunidades Tradicionais do Pampa’.

Um dos elementos que ajuda a entender a identidade, de ponto de vista cultural é a raiz do povo tradicional na aprendizagem constante dos idiomas tradicionais⁹, falados por poucos no Brasil, como é apontado no Quadro 1. Foi possível constatar que 8 dos sujeitos entrevistados mantêm a tradição de falar Pomerano e Alemão¹⁰ com a família. Neste contexto, salienta-se que existem ameaças em relação à preservação da identidade do povo pomerano. Exemplo disso é o desinteresse dos mais jovens em apreender o idioma, fato esclarecido pelo sujeito 4: “*ensinamos a língua Pomerana como língua materna para as duas filhas mais velhas, o mais novo já não praticou muito, porém hoje os filhos não falam, mas entendem*”.

Além disso, esta preocupação se faz presente na vida dos demais entrevistados, como relata o mesmo sujeito 4, “*para manter a língua conversamos em casa e quando nos encontramos com pessoas que também falam, além de um encontro anual de Pomeranos em Marechal RS. Última edição foi em fevereiro de 2020, em Marechal.*” Isto se concatena com as ideias de Schmidt (2015), sobre a manutenção da tradição para a preservação da cultura identitária dos povos.

Segundo o sujeito 9, para esta preservação, os “*Pomeranos de todo o Brasil estão se dedicando na preservação da língua*”, que se confirma conforme a amostra dos entrevistados deste trabalho. Devemos estar alerta quando discutimos a questão cultural da identidade, pois autores como, Spamer & Silva (2018), entendem ser preciso maior dedicação das comunidades, em difundir e espalhar o idioma, permitindo o fortalecimento da aprendizagem e manutenção da identidade.

4.3 Agricultura e práticas ambientais na perspectiva dos pomeranos

O desafio de trabalhar com agricultura familiar para qualquer povo se caracteriza por uma luta diária de sobrevivência, por falta de recursos, políticas públicas alinhadas as necessidades dos agricultores, além dos problemas ambientais. Isso não passa despercebido nas perspectivas pomeranas, por serem na maioria famílias camponesas. De acordo com Thum (2014) os pomeranos conformam comunidades camponesas nos municípios onde estão ao ponto de manterem a característica de povo camponês. Em uma análise que cruzou dados do IBGE e do IDHM de boa parte dos municípios com presença pomerana conclui:

No **RS**, índice de população rural presente em municípios com reconhecida incidência de pomeranos apresenta dados que vão de 43% a 83 %, tendo uma tendência geral na casa dos 59,4%. O que em dados percentuais comparados a média nacional é de grande discrepância e representa alto impacto de diferenciação entre a média nacional de população rural nos municípios brasileiros. De tal maneira, que, observando essa variável, podemos considerar que os pomeranos mantêm a condição camponesa como uma de suas características culturais (Thum, 2014, p. 04, grifo nosso).

Na amostragem, 6 dos entrevistados (Quadro 1) trabalham com agricultura, o que corrobora essa tendência de que os pomeranos do Brasil vivenciam relações camponesas. Conforme os pensamentos de Fehlberg e Menandro (2011), as dificuldades se estendem na manutenção das propriedades agrícolas frente aos grandes produtores da agricultura, com recursos praticamente ilimitados, como créditos bancários, por exemplo (Exime et al., 2021). A chegada tecnológica na agricultura, a chamada

⁹ Considera-se povo tradicional os segmentos que possuem língua própria: pomeranos, ciganos, indígenas e povos de Terreiro. Os demais segmentos são caracterizados como comunidades.

¹⁰ É uma língua introduzida e tende a representar a descaracterização cultural dos pomeranos.

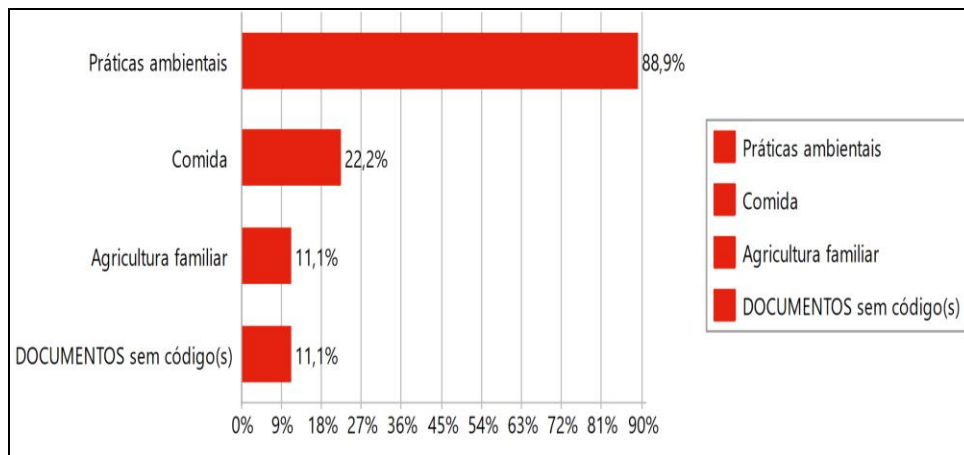
mecanização pareceu afetar os povos tradicionais, como os pomeranos da amostra pesquisada, uma realidade presente no pensamento dos entrevistados. Sobre este aspecto, o sujeito 3 aponta: “*Antes da mecanização haviam costumes, depois se perdeu*”, neste caso o sujeito 3 aparenta se referir ao processo da tecnificação, que enfraquece o modo de produção agrícola baseado em costumes tradicionais.

O mesmo sujeito também relata a importância de não desistir. Assim busca-se união, para não perder princípios e costumes ligados à agricultura, sua identidade. Para tal, a ideia é criar parceria e [...] “*uma associação do Pomeranos para ali desenvolver atividades da cultura [...]*”. Vale destacar que é um povo ligado a tradição, que valoriza a solidariedade, a associação para cooperar, em função de ajuda mútua das comunidades. Por isto, para o sujeito 5 (2021), a “*agricultura familiar, trabalho em conjunto*”, pode ser alcançada não apenas com ajudas externas ou programas de créditos, sobretudo, com a união e a manutenção dos valores familiares e comunitários.

As práticas tradicionais presentes na amostra pesquisada, se caracteriza pela vivência de trabalho na agricultura familiar como uma prática comum do povo pomerano. Relata o sujeito 7, “*aqui trabalhamos com agricultura familiar orgânica, meu esposo e eu. Fazemos feira duas vezes por semana no parque de exposições em Marechal E vendemos para a merenda escolar, municipal e estadual (PNAE¹¹). Participamos da Rede Eovida¹²*”.

Deste modo, a maior parte da amostra demonstra contribuições para o desenvolvimento local, através de suas práticas ambientais, incentivos para dar bons exemplos culturais e identitários às novas gerações. A seguir apresentamos no Gráfico 2 os resultados das práticas ambientais conforme a amostra pesquisada.

Gráfico 2. Resultados analíticos sobre as práticas ambientais da amostra pesquisada de pomeranos de MCR



Fonte: Dados da pesquisa (2021).

Destaca-se no Gráfico 2 que as discussões das práticas ambientais da amostra de pomeranos está presente em 88,9% das entrevistas concedidas, concatenando-se às suas diversas relações com o meio ambiente. Além disso, as outras variáveis como, comida representa 22,2 % e agricultura familiar de 11 %, que fazem parte das práticas ambientais da amostra, por terem a agricultura como sua profissão. Contudo, esta análise tem uma margem de erro de 10%¹³.

¹¹ É O Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), que permite o acesso de alimentos saudáveis através de produtores locais para suprir as necessidades nutricionais dos estudantes da educação básica.

¹² Entende-se, por uma rede de agroecologia baseado na organização das famílias produtoras em grupos informais, associações ou cooperativas, uma rede concentrada e nos de Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

¹³ Como é uma pesquisa exploratória, evidencia-se a necessidade de estudos mais aprofundados.

Para concluir esta seção, apresentam-se alguns trechos das entrevistas dos sujeitos a partir da matriz lógica no quadro 3, que chamaram a atenção e merecem ser destacados aqui. Desta forma, consta-se no quadro 3, cinco pontos dos principais trechos destacados. O primeiro trata-se de costumes e tarefas rotineiras que representam um ponto fundamental da cultura dos pomeranos, a partir da própria alimentação, uma culinária repleta de costumes familiar. Já no segundo ponto, abordam-se as questões da preservação das tradições/cultura na família, demonstrando conexões entre as raízes culturais, entrelaçados com a origem linguística que permaneceu no seio do povo pomerano. O terceiro, diz respeito a retomada identitária dos pomeranos na região, que se trata da retomada das atividades que ajudam a melhorar o relacionando entre os pomeranos, a partir de reunião coletivo, os jogos tradicionais e principalmente as comidas típicas. No quarto ponto, sobre tarefas rotineiras, busca-se trazer a importância dos trabalhos coletivos, dando a possibilidade de cooperar entre amigos, familiares e colegas. Finalmente no quinto ponto, destacam-se memórias e costumes da agricultura que tem suas bases no trabalho, na preservação da cultura a partir do cuidado com meio ambiente e a natureza, compartilhando e mantendo o tradicional vivo.

Quadro 3. Matriz lógica das falas destacadas de alguns dos nove pomeranos de MCR entrevistados na pesquisa

Sujeito	Costumes e tarefas rotineiras	Preservação das tradições/cultura na família	Retomada identitária dos pomeranos na região	Tarefas rotineiras	Memórias e costumes da agricultura
1	"A culinária, a agricultura e o idioma"	"pratos típicos e visitas. Cuca, Linguíça, doces (sobremesas) Encontro de pomeranos"	"Através do esporte e costumes e tradições. Encontros, onde se mantém viva a história, principalmente a língua e a culinária"	"O trato com animais e agricultura, a culinária, o convívio em comunidade"	"Agricultura familiar, trabalho em conjunto. A troca de favores, de serviços, a permuta, a ajuda em comunidade, tanto na associação de moradores como na Igreja"
3	"aqui na cidade de Marechal é feito uma vez por ano um culto e um almoço Pomerano."	"Diálogo na linguagem Pomerana com a família que também fala."	"Precisaria criar uma associação do Pomeranos para ali desenvolver atividades da cultura."	"não sei informar"	"Antes da mecanização haviam costumes, depois se perdeu."
6	"Continuando com os pratos típicos"	"Fazendo visitas."	"na bola e costumes e tradições."	"trabalho em conjunto"	"Agricultura familiar, trabalhos com gado leiteiro, suinocultura, aves."
7	*	"Ensinamos a língua Pomerana como língua materna para as duas filhas mais velhas, o mais novo já não praticou muito, porém hoje os filhos não falam, mas entendem"	"Para manter a língua conversamos em casa E quando nos encontramos com pessoas que também falam, além de um encontro anual de Pomeranos em Marechal RS. Última edição foi em fevereiro de 2020, em Marechal"	*	"Aqui trabalhamos com agricultura familiar orgânica, meu esposo e eu. Fazemos feira duas vezes por semana no parque de exposições em Marechal E vendemos para a merenda escolar, municipal e estadual (PNAE/ PAA). Participamos da Rede Ecovida."
9	"Os Pomeranos têm como costume aos domingos frequentar a igreja, honrar os princípios familiares, se visitar, se cumprimentar no linguajar Pomerano, a grande maioria agricultores aqui na nossa região, um ajudando o outro. Comida... feijão, arroz, mandioca, batata-doce, charque, pudim, arroz-doce, sagú."	"Há 12 anos consecutivos temos anualmente nosso culto Pomerano, sempre com pastor convidado especial. O culto acontece sempre no mês de abril, oportunidade que transmitimos pela rádio Educadora Marechal Cândido Rondon, PR. O programa 5 minutos com Jesus no horário das 6h55 mim, durante a semana que antecede o culto. Esta mensagem sou eu que faço. Também faço programa com foco Pomerano na rádio Marechal FM 107,9 todos os domingos das 8h às 10:30h. os Pomeranos de todo o Brasil estão se dedicando na preservação da língua, costumes e tradições. Presume-se que no Brasil ainda tem mais de 300 mil Pomeranos, na nossa região mais de 5 mil. A língua Pomerana tem o seu dicionário, agora também a tradução da bíblia sagrada, jornais, etc. aqui em Marechal anualmente a nossa festa (Pomerana), também com mensagem religiosa cantos em Pomerano, músicas Pomeranas, temos um grupo de danças e estamos organizando para termos a nossa sede própria. Pomeranos um povo no passado sofredor, mas hoje muito alegre e divertido."	"Percebemos que para continuar a manter as tradições e cultura é necessária muita dedicação, no projeto, aulas em Pomerano."	"as tarefas sempre foram executadas juntas marido e mulher pelo fato da grande maioria ser agricultor."	"Depende da região. A nossa e bastante diversificada, normalmente a mulher cuida da casa e ajuda ainda no manejo dos animais. Ter sua própria carne, ovos, leite, linguíça, banha, frutas."

* durante a pesquisa de campo esse indicador não foi respondido no questionário de levantamento. Fonte: Dados da pesquisa, elaborado a partir de Verdejo (2003) e Brose (2010).

Observou-se a partir da trajetória de vida dos entrevistados, que a agricultura produzida pelos pomeranos, tende a ser uma agricultura de subsistência. Desde modo os principais produtos são, carne, ovos, leite, linguiça, banha, frutas, cuca, linguiça, brote, pão caseiro de milho, gado leiteiro, suinocultura, aves (sujeito 1; 2; 6 e 9). Nota-se uma tendência nos entrevistados, especialmente em relação à promoção da agricultura familiar em consonância com o desenvolvimento de práticas ambientais diversificadas. Esses dados também foram encontrados em outras pesquisas:

Caracterizadamente, esses produtos são constitutivos da alimentação dos camponeses da agricultura familiar e também são utilizados na alimentação e criação de animais, os quais geram novos produtos e por vezes transformam-se em fonte de renda a partir da comercialização dos mesmos. Quando observado a questão da produção para o comércio, observa-se a incidência de alguns produtos que também estão na condição de autoconsumo, isto porque o excedente de produção é colocado à venda, transformando-os em fonte de arrecadação monetária (Thum, 2014, p. 10).

Ora, mesmo trabalhando com a agricultura familiar, entende-se que alguns dos entrevistados tiveram que adaptar-se em novas formas de produção. Ao que parece, monocultura pela [...] *mecanização* [...] (sujeito 3) e outras práticas massais de criação na agropecuária, como: [...] *gado leiteiro, suinocultura, aves* [...] (sujeito 6). Percebe-se nos trechos dos entrevistados, que a cultura tem um forte laço com a família e a agricultura desde as aprendizagens dos saberes tradicionais de ensinamentos linguísticos e a convivência com a natureza, transformam-se os princípios deste povo em uma necessidade, voltada para o bem viver.

5. Considerações Finais

Os pomeranos constituem comunidades em diferentes territórios. No processo histórico vivenciaram atrocidades e negações de direitos territoriais, linguísticos e religiosos. Representam um povo humilde, que acredita no poder de mudança preza pela conservação dos laços familiares e do trabalho. Neste sentido, sua identidade se alicerça na lógica de uma constante pela manutenção das condições de vida, seja da cultura e tradições; seja dos seus modos de ser, de se relacionar e conviver em comunidade. Elementos esses que os tornam únicos e os colocam como Povo Tradicional, o povo pomerano do Brasil.

Através das falas dos entrevistados, torna-se evidente que eles lutam para manter a sua cultura identitária, a partir das aprendizagens de suas tradições e da língua pomerana. Vale ressaltar que a cultura é importante para o povo pomeranos, por isto que mantêm constantemente os laços com as comunidades. Além de manterem o modo tradicional de compreender a importância da socio biodiversidade para a vida humana, apresentam traços de respeito ao meio ambiente. No entanto, parecem sofrer influência do pacote tecnológico agrícola.

Entende-se que a agricultura familiar praticada pelos entrevistados, tem a preocupação de garantir elementos de subsistência ligados à cultura pomerana, que se relaciona com sua própria cultura envolvendo os produtos como ovos, leite, linguiça, banha, frutas, cuca, brote, pão caseiro de milho, entre outros. Diante do exposto, o presente estudo apresenta limitações. A quantidade da amostra não é representativa, em relação à população pomerana de Marechal Cândido Rondon, tendo apenas informações de caráter exploratório e visa orientar estudos futuros envolvendo uma amostra mais significativa para obter resultados mais representativos.

Agradecimentos

Primeiramente agradecemos aos entrevistados que permitiram a realização deste trabalho, a nossa instituição, Universidade Estadual do oeste do Paraná – Unioeste, pela sua responsabilidade em nossa formação acadêmica, a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, por fim, agradecemos ao Grupo Interdisciplinar e Interinstitucional de Pesquisa e Extensão em Desenvolvimento Sustentável –GIPEDES.

Referências

- Assis, R. L. & Assis, R. L. (2018). Memória e identidade no processo de territorialização pomerana nas montanhas de Santa Maria de Jetibá – ES. *Revista GeoPantanal*, 1 (24), 17-34.
- Bardin, L. (1977). *Análise de conteúdo*. Portugal: Presses Universitaires de France.
- Brasil. (2007). *Decreto nº 6.040*, de 7 de fevereiro de 2007. Institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais. Brasília, Diário Oficial.
- Brasil. (2016). *Decreto nº 8.750*, de 9 de maio de 2016. Institui o Conselho Nacional dos Povos e Comunidades Tradicionais. Brasília, Diário Oficial.
- Brasil. (2021). *Portaria nº 2.619*, de 26 de julho de 2021. Designa os representantes da sociedade civil, titulares, 1º e 2º suplentes, eleitos para comporem o Conselho Nacional dos Povos e Comunidades Tradicionais, no biênio 2021-2023. Brasília, Diário Oficial.
- Buss, L. (2018). *Centro de informação da cultura e arte pomerana: a arquitetura na preservação da cultura de um povo*. Vila Velha: UVV.
- Brose, M. (2010). *Metodologia participativa: uma introdução a 29 instrumentos* Porto Alegre: Tomo Editorial. 328 p.
- Cidade Brasil. (2021). *Município de Marechal Cândido Rondon*. Recuperado de: <https://www.cidade-brasil.com.br/municipio-marechal-candido-rondon.html>
- Dettmann, V. H. (2016). *Pomeranos, povo de cultura tradicional*. Alemanha: KoBra.
- Diegues, A. C., Arruda, R. S. V., Silva, V. C. F., Figols, F. A. B. & Andrade, D. (1999). *Os Saberes Tradicionais e a Biodiversidade no Brasil*. São Paulo: NUPAUB.
- Exime, E., Reis, CM dos, Costa, ML., Gonzalez, AC., Costa Junior, JM., & Zonin, WJ. (2021). Agricultura familiar e desenvolvimento sustentável: uma caracterização da feira do produtor rural no município de Marechal Cândido Rondon – Paraná, Brasil. *Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento*, 10 (1), e20310111462. <https://doi.org/10.33448/rsd-v10i1.11462>.
- Fehlberg, J. & Menandro, P. R. M. (2011). Terra, família e trabalho entre descendentes de pomeranos no Espírito Santo. *Barbaroi*, 1 (34), 80-100.
- Fernandes, B. M., Welch, C. A. & Gonçalves, E. C. (2013). *Os usos da terra no Brasil*. Editora da UNESP.
- Foerste, E., Dettmann, V. H. & Jacob, J. K. (2016). Povo tradicional pomerano: lutas coletivas por direitos sociais. In: *Anais do IV Colóquio Internacional Povos e Comunidades Tradicionais Estado, Capital e Territórios Tradicionais: dinâmicas territoriais em justiça*. Montes Claros: UEMC. p. 113-116.
- Foerste, E. & Foerste, G. M. S. (2017) Língua, cultura e educação do povo tradicional pomerano. *Educação em Revista*, 1 (33), 1-24.
- Granzow, K. (2009). *Pomeranos: sob o Cruzeiro do Sul*. Vitória: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo.
- Heinemann, C. (2016). *Uma síntese da história do povo tradicional pomerano*. In: Seibel, I. et al. O povo pomerano no Brasil. Santa Cruz do Sul: Edunisc. p. 38-45.
- Hitz, N. D. (2017). *Crenças linguísticas de descendentes pomeranos em três localidades paranaenses*. 211f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel.
- Ibge. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2010). *Censo Brasileiro de 2010*. Rio de Janeiro: IBGE.
- Investparaná. (2021). *Invista no Paraná o Estado mais inovador do Brasil*. Recuperado de: <http://www.investparana.org.br/>
- Ipardes. Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social. (2021). *Caderno estatístico Município de Marechal Cândido Rondon*. Recuperado de: <http://www.ipardes.gov.br/cadernos/MontaCadPdf1.php?Municipio=85960&btOk=ok>
- Isa. Instituto Socioambiental. (2008). *Pontões Capixabas são o primeiro Monumento Natural a ser administrado pelo ICMBio*. Recuperado de: <https://uc.socioambiental.org/noticia/57085>
- Jacob, J. K. (2012). *População pomerana no estado do Espírito Santo - Brasil*. Secretaria Municipal de Cultura.
- Little, P. E. (2004). Territórios sociais e povos tradicionais no Brasil: por uma antropologia da territorialidade. *Anuário Antropológico*, 28 (1), 251-290.
- Manske, C. M. R. (2015). *Pomeranos no Espírito Santo: história de fé, educação e identidade*. Vila Velha: Gráfica e Editora GSA.
- Maxqda. (2021). *Qualitative Data Analysis Software*. Recuperado de: <https://www.maxqda.com/what-is-maxqda#>
- Mazurana, J., Dias, J. E. & Laureano, L. C. (2016). *Povos e Comunidades Tradicionais do Pampa*. Porto Alegre: Fundação Luterana de Diaconia.
- Numomura, E. (2005). *Quando preservar a mata atlântica se tornou caro*. Recuperado de: https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/306279/complemento_1.htm?sequence=2
- Oit. Organização Internacional do Trabalho. (1989). *Convenção nº 169 sobre Povos Indígenas e Tribais*.
- Patarra, N. L. & Fernandes, D. M. (2011). Brasil: país de imigração? *Revista Internacional em Língua Portuguesa*, 3 (24), 65-96.
- Retz, S. (2006). *Paróquia Evangélica de Confissão Luterana em Pancas celebra 75 anos de memória, vivência e testemunho*. Recuperado de: <https://www.luteranos.com.br/conteudo/parouquia-evangelica-de-confissao-luterana-em-pancas-celebra-75-anos-de-memoria-vivencia-e-testemunho>

- Rölke, H. R. (1996). *Descobrendo Raízes: aspectos geográficos, históricos e culturais da Pomerânia*. UFES.
- Rölke, H. R. (2016). *Raízes da imigração alemã: história e cultura alemã no Estado do Espírito Santo*. Vitória: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo.
- Santos, A. F. P. R. & Azevedo, R. S. (2017). O Processo histórico de (Re)conhecimento da identidade dos Pomeranos como povo tradicional no Brasil. *Quaestio Iuris*, 10 (04), 2482 -2500.
- Schmidt, A. (2015). *A comida na cultura Pomerana: simbolismo, identidade e sociabilidade*. 190 f. Dissertação (Mestrado em Economia doméstica) – Universidade Federal de Viçosa, Viçosa.
- Seibel, I. (2016). *Os pomeranos pelo mundo*. In: Seibel, I. et al. O povo pomerano no Brasil. Edunisc. p. 10-37.
- Seyferth, G. (2011). A dimensão cultural da imigração. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 26 (77), 47-62.
- Spamer, H. & Silva, A. T. R. (2018). Territorialidade e identidade pomerana no processo de criação e regulamentação do Monumento Natural dos Pontões Capixabas em Pancas/ES. *Revista Tecnologia e Sociedade*, 14 (31), 125-139.
- Sparemberger, R. F. L. & Colaço, T. L. (2011). Direito e identidade das comunidades tradicionais – do direito do autor ao direito à cultura. *Liinc em Revista*, 7 (2), 681-700.
- Suporte Geográfico. (2021). *Mapa de Marechal Cândido Rondon*. Recuperado de: <https://suportegeografico77.blogspot.com/2019/11/mapa-de-marechal-candido-rondon-pr.html>
- Thum, C. (2014). A paisagem pomerana: análises sócio-econômica-cultural da Serra dos Tapes. In: *Anais do VII Congresso Brasileiros de Geógrafos*. Vitória: UFES. p. 1-12.
- Thum, C. (2009). *Educação, História e Memória: silêncio e reinvenções pomeranas na Serra dos Tapes*. 383 f. Tese (Doutorado em Educação) - Unisinos, São Leopoldo.
- Thum, C. (2017). Povos e Comunidades Tradicionais: aspectos históricos, conceituais e estratégias de visibilidade. *Revista Eletrônica Do Mestrado Em Educação Ambiental*, 1, 162-179.
- Treichel, S. Z., Bosenbecker, V. P., Thum, G. U. & Thum, C. (2017). Patrimônio material vernacular: tipos arquitetônicos produzidos pelos descendentes de pomeranos na região da Serra dos Tapes - RS. In: *Anais do I Simpósio Científico ICOMOS Brasil*. Belo Horizonte: ICOMOS. p. 1-14.
- Tressmann, I. (2006). *Dicionário Enciclopédico: Pomerano e Português*. SEDU-ES.
- Verdejo, M. E. (2003). *Diagnóstico rural participativo: uma guia prática*. Centro Cultural Poveda.
- Weiduschadt, P. & Castro, R. B. (2015). Instituições escolares e imigração na região colonial de Pelotas/RS (1928-1953). *História Unicap*, 2 (4), 170-185.